

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA:**  
**TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO DE LEITURA E PRODUÇÃO DO TEXTO -**  
**PROLEITURA**

Vanda Aparecida dos Reis

**NARRATIVAS ORAIS: NA CONTRAMÃO DA HISTÓRIA**

Belo Horizonte

2021

Vanda Aparecida dos Reis

## **NARRATIVAS ORAIS: NA CONTRAMÃO DA HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teoria e Prática de Ensino de Leitura e Produção de Texto - PROLEITURA apresentado como requisito parcial para a obtenção do título a Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Roberto Alexandre do Carmo Said (Doutor)

Belo Horizonte

2021

R375n Reis, Vanda Aparecida dos.  
Narrativas orais [recurso eletrônico] : na contramão da história  
/ Vanda Aparecida dos Reis. – 2021.  
1 recurso online (41 f.: il., color.) .  
Orientador: Roberto Alexandre do Carmo Said.  
Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Língua  
Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Literatura e Produção de  
Textos da Faculdade de Letras da UFMG.  
Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas  
Gerais, Faculdade de Letras.  
Referências: f. 38-39.  
Apêndices: f.3 9-41.  
Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino. 2. Memória. 3.  
Comunicação oral. I. Said, Roberto, 1971-. II. Universidade  
Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.07



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS

ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: Teoria e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos

### ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DA ALUNA VANDA APARECIDA DOS REIS

Realizou-se, no dia 09 de agosto de 2021, às 10:00 horas, de forma remota, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *Narrativas orais: Na contramão da história*, apresentado por VANDA APARECIDA DOS REIS, número de registro 2020654339, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Prof. Roberto Alexandre do Carmo Said - Orientador (UFMG), Marcelo Chiaretto (UFMG), Prof. Samuel Resende.

A Comissão considerou o Trabalho:

Aprovado

Reprovado

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 09 de agosto de 2021.

Prof. Roberto Alexandre do Carmo Said (Doutor)

Prof. Marcelo Chiaretto (Doutor)

Prof. Samuel Resende (Mestre)



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Chiaretto, Professor do Magistério Superior**, em 09/08/2021, às 15:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Roberto Alexandre do Carmo Said, Professor do Magistério Superior**, em 09/08/2021, às 16:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Samuel Rezende Moreira, Usuário Externo**, em 11/08/2021, às 10:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 0869507 e o código CRC 8C8C17E7.

## RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo geral empregar instrumentos da história oral a fim de produzir narrativas a respeito da história da Escola Municipal professor Moacyr Andrade. Foram produzidas, com o recurso das entrevistas, narrativas orais com alguns representantes da comunidade escolar, uma vez que não foi possível contemplar todos os segmentos por estarmos em uma pandemia, com o intuito de refletir e fornecer elementos para uma memória coletiva da escola, tomando esses relatos como fonte histórica. Iniciou-se discutindo que a narrativa situa-se na fronteira entre a literatura e a história. E pelo fato de ser uma professora de história, fazendo um curso de língua portuguesa, foi possível mobilizar diferentes áreas do conhecimento e conceitos, além de pensar sobre o fazer histórico e a constituição das narrativas orais. Tomou-se como referência o livro *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*, da psicóloga e professora Ecléa Bosi lançado, em 1994. A leitura do livro desperta muitos interesses, e serviu como paradigma, posto que a autora vai na contramão das pesquisas históricas oficiais quando relata as memórias de oito pessoas idosas, maiores de 70 anos, que viveram desde a infância na cidade de São Paulo. O principal resultado desta pesquisa foi despertar o interesse para aquele que é o sujeito histórico que deu nome à escola e que é uma figura ligada às crônicas narrativas e jornalísticas.

**Palavras-chave: Narrativas orais – Fonte histórica – Memórias**

## ABSTRACT

This work has as general objective to employ instruments of oral history to produce narratives about the history of the School Municipal professor Moacyr Andrade. Oral narratives were produced with some representatives of the school community, since it was not possible to contemplate all segments because we were in a pandemic, to reflect and provide elements for a collective memory of the school, taking these reports as a historical source. It began by discussing that the narrative is situated on the border between literature and history. And because she is a history teacher, taking a Portuguese language course, it was possible to mobilize different areas of knowledge and concepts, besides thinking about historical doing and the constitution of oral narratives. It has as reference the book *Memory and Society: Memories of old people*, by psychologist and teacher Ecléa Bosi launched in 1994. The reading of the book arouses many interests, and served as a paradigm, since the author goes against official historical research when she reports the memories of eight older people, over 70 years old, who lived since childhood in the city of São Paulo. The main result of this research was to arouse interest for the one who is the historical subject who gave the school its name and who is a figure linked to narrative and journalistic chronicles.

**Keywords: Oral narratives - Historical source - memories**

## SUMÁRIO

<b>1 – Introdução.....</b>	<b>08</b>
<b>2 - Referencial Teórico .....</b>	<b>13</b>
<b>3 - Entrevistas .....</b>	<b>17</b>
<b>4 - Análise e considerações finais .....</b>	<b>30</b>
<b>5 - Referências .....</b>	<b>38</b>
<b>6 – Siglas.....</b>	<b>39</b>
<b>7 – Apêndice</b>	
<b>7.1 Questionário dos profissionais .....</b>	<b>39</b>
<b>7.2 Questionário do aluno .....</b>	<b>40</b>

## 1. Introdução e justificativa

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade individual e coletiva  
Jacques Le Goff

A história é um saber que se constrói como uma narrativa, mas não uma narrativa “comum”, uma narrativa presa aos acontecimentos, pois não se trata de ficção – embora se valha de alguns de seus procedimentos. A realidade “absoluta” que está contida no texto histórico pode ser tratada como representação. E nesse sentido ela se situa na vizinhança da literatura. Como o autor literário, na maioria das vezes, busca dialogar com o presente por meio da sua obra, o historiador se debruça a resgatar os sentimentos de uma época trazidos em narrativas. Assim a história e a literatura dialogam no trato de suas narrativas. Piglia, ao discutir a narrativa, ressalta que:

De certo modo, somos todos contadores de histórias, todos somos especialistas em contar histórias, todos trocamos histórias. Somos todos contadores de histórias e todos sabemos narrar, com maior ou menor relevância e qualidade. Um dia na vida de qualquer um de nós é também um dia feito de histórias que contamos e contamos. As histórias que contamos e contamos ao longo do dia podem muito bem ser um dos registros da nossa experiência. (PIGLIA, 2006, p.02)

Quem não tem recordações de acontecimentos que deixaram marcas do passado? Muitas vezes essa memória vem à tona através do cheiro de guloseimas que a avó fazia, ou de relatos de pessoas que vivenciaram momentos em comum e até mesmo de uma música favorita, ou a partir de fotos, cartas e vestimentas. É normal sentir vontade de compartilhar esses momentos vividos com aqueles que fizeram parte dele, para que faça sentido. De acordo com Halbwachs,

para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2013, p. 39)

Cada memória individual é uma parte da memória de um todo, uma vez que “lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós”. (HALBWACHS, 2013, p. 30).

Nesse processo, as narrativas orais, tecidas entre as memórias individuais e as coletivas, apresentam-se como ricas fontes documentais, pois expressam sentidos e acontecimentos que nem sempre estão registrados nos documentos escritos e/ou oficiais. Essas fontes falam por si

mesmas, pois são investidas de sentimentos que marcaram um tempo. São memórias significativas que marcam o indivíduo e através delas se pode buscar elementos para compreender o tempo histórico vivido. E isso não deve ser perdido na poeira do tempo.

Todos nós fazemos parte da história; a sociedade é um sujeito ativo, como analisa Bosi (2003, p. 75):

Ao lado da história escrita, das datas, da descrição de períodos, as correntes do passado só desapareceram na aparência. E que podem reviver numa rua, numa sala, em certas pessoas, como ilhas efêmeras de um estilo, de uma maneira de pensar, sentir, falar, que são resquícios de outras épocas.

O ato de narrar envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação do que é narrado. E isto se dá porque,

Uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso (HALBWACHS, 2013, p. 31).

Ao analisar narrativas orais, é pertinente escolher um acontecimento de que muitas pessoas fizeram parte, pois assim será possível montar um quebra cabeça cujas memórias individuais, nem sempre convergentes, vão tomando forma e se tornando uma memória coletiva, para assim se constituir em fonte história sobre determinado fato. Pode -se citar, por exemplo, o movimento das “Diretas Já!”, em 1984, que englobou vários segmentos da sociedade brasileira. Que memórias foram guardadas desse movimento? Então, a partir das narrativas de indivíduos dos diversos segmentos da sociedade, vão aparecendo informações que, tomadas em um todo, dão forma a uma fonte histórica, que certamente não será idêntica aos documentos oficiais. Enquanto esses documentos descrevem o acontecimento de acordo com as tendências políticas, econômicas, a memória coletiva é permeada de dores, alegrias, entusiasmo, medo e, principalmente, da perspectiva social que compõe cada sujeito. Para Halbwachs:

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2013, p. 39).

A partir das memórias coletivas conseguimos construir ou reconstruir o passado. Podemos ter uma história local como a de uma comunidade quilombola, a história de uma

escola, de uma família, de uma cidade. Isso demonstra que as memórias colhidas através das narrativas orais constituem uma fonte que dá contornos a uma narrativa histórica. Nesta perspectiva, pode-se afirmar que “a memória, por conservar certos registros, contribui para que o passado não seja totalmente esquecido, pois ela acaba por capacitar o homem a atualizar impressões ou informações passadas, fazendo com que a história se eternize na consciência humana” (LE GOFF, 2013, p. 387).

Nas últimas décadas, as pesquisas têm se utilizado da história oral como fonte histórica, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registros. Ela consiste em uma entrevista feita pelo entrevistador, por meio de perguntas dirigidas aos temas visados e de uma escuta atenta aos pormenores, tantas vezes desconsiderados pelo historiador. Mas ela não consiste em apenas recolher relatos, mais do que isso, é uma forma de dar voz a todos construtores da história.

Quando é feita a entrevista são acionados na memória do entrevistado fatos que foram significativos, que marcaram sua vida positivamente ou não. E embora tenham se passado anos ou até décadas os registros vêm na memória. A esse respeito, Bosi (1994, p. 415) chama atenção para a sucessão de etapas na memória que é toda dividida por marcos significativos da vida: “Mudança de casa ou de lugar, morte de um parente, formatura, casamento, empregos, festas. As festas que toda a família participa, como o Natal, são mais recordadas do que as que têm importância mais individual: formaturas e aniversários...”

Nessa mesma obra, Bosi (1994, p. 39) nos fala de sua experiência:

a memória é um cabedal infinito do qual registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vívidas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida do portão. [...] Continuando a escutar, ouviríamos o outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso escutar o infinito.

É objetivo geral desse trabalho tomar as narrativas orais de alguns membros da comunidade escolar da Escola Municipal Professor Moacyr Andrade como fonte histórica. Para tanto, será feita uma pesquisa qualitativa que usará como instrumentos: entrevistas e a análise delas.

A Escola Municipal Professor Moacyr Andrade, (de agora em diante será utilizada a sigla EMPMA<sup>1</sup>) que hoje se localiza no bairro vila Santa Branca, na região de Venda Nova em Belo Horizonte, foi criada no ano de 1986. De acordo com os documentos, sua criação foi o resultado de muitas lutas da Associação Comunitária dos bairros Leblon, Paraúna, Vila Santa

---

<sup>1</sup> De agora em diante eu usarei a sigla EMPMA – Escola Municipal professor Moacyr Andrade

Branca e Florença. O início do ano letivo de 1986 ocorreu no prédio onde hoje funciona a Escola Estadual Professor Adir Andrade Albano. O prédio atual ainda estava em construção. No dia 28 de outubro do mesmo ano, finalmente, foi inaugurada com grande festa. O prefeito do município de Belo Horizonte, Sérgio Ferrara, esteve presente nesse dia. Também estiveram presentes na cerimônia de inauguração, os familiares do homenageado que deu nome a escola: Moacyr Andrade, jornalista e professor. Estiveram presentes também outros políticos que faziam parte da comitiva do prefeito. A primeira diretora nomeada para dirigir a escola foi Márcia de Melo Silva, que se aposentou em 1988, e, a partir de 1989, todos que ocuparam o cargo de diretor (a) foram eleitos pela comunidade escolar. Hoje, após 35 anos da inauguração, entre as professoras que estavam presentes naquele dia, ainda está trabalhando Marilene de Paula Santos.

A escola funcionava em apenas dois turnos, 12 turmas de cada turno. Em 1992, começou o funcionamento do horário noturno, com duas turmas de suplência, com o objetivo de atender aos adultos. Em 1995, houve a implantação da escola plural com três ciclos de formação. Iniciou-se com os alunos, ou seja, a escola passou a funcionar de quinta a oitava séries com a implementação do terceiro ciclo, gradativamente.

Daí por diante a demanda foi crescendo cada vez mais e surgiu a necessidade de ampliar o espaço físico com construções, e, atualmente, constam 18 turmas nos turnos da manhã e tarde, e, no horário noturno, duas turmas de EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Ao chegar para lecionar na Escola Municipal Professor Moacyr Andrade, em 2010, verificou-se que, já passados 24 anos da inauguração da escola, embora seja muito querida pela comunidade, nela nada havia que nos contasse sua trajetória. Algumas questões se colocam: De que forma ela surgiu? Quais eram suas metas? Quem se destacou como aluno ou professor nesses anos? Ou seja, todo o registro do passado se encontra nas memórias das pessoas, que estão se perdendo ao longo dos tempos. Com certeza, fotos foram tiradas, filmagens foram feitas em eventos promovidos pela escola. Mas os sentimentos de alegrias, tristezas, ansiedades, brincadeiras... e tantos outros vivenciados ao longo desses anos todos, ficaram guardados individualmente. Tudo ficou na memória dos que já foram desbravar outras escolas e outros conhecimentos, ou de profissionais que já se aposentaram. E a vida escolar, a história dessa comunidade, continua sem essa partilha de saberes e sentimentos, e sem a noção de pertencimento por parte de muitos alunos que não conhecem a história da escola em que estudam. E até podem sentir que estão lá simplesmente para tirarem notas suficientes para passarem de ano, e realizarem ou não as atividades propostas pelos professores e equipe pedagógica. Daí surgiu a vontade de trabalhar com as narrativas orais da comunidade escolar

do Moacyr, envolvendo sujeitos atuantes desde a sua criação, para construir uma memória coletiva da escola e utilizar esses relatos como fonte histórica.

A fim de se obter e recolher informações sobre a história da escola, foi realizado, por meio de questionário, uma entrevista semiestruturada com alguns membros da comunidade escolar, dando oportunidade de as pessoas relatarem vivências que marcaram suas vidas na escola de forma positiva ou negativa, e suas impressões em determinados acontecimentos vividos. O ponto inicial parte da perspectiva de que:

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p.17).

Metodologicamente, adota-se a pesquisa qualitativa. A metodologia de pesquisa para Minayo (2003, p.16), “é o caminho do pensamento a ser seguido. Ocupa um lugar central na teoria e trata-se basicamente do conjunto de técnicas a ser adotada para construir uma realidade.” O primeiro passo foi a elaboração de um questionário para registrar, através de entrevistas com alguns membros da comunidade escolar da EMPMA, narrativas orais que poderão ser utilizadas como fonte histórica. A entrevista, de acordo com Lakatos (2002, p.198), “dá oportunidade para a obtenção de dados que não se encontram em fontes documentais e que sejam relevantes e significativos.” O segundo passo foi criar condições para que os entrevistados pudessem responder da forma mais confortável para eles, uma vez que estamos fora do ambiente escolar devido à pandemia do coronavírus. O passo seguinte foi a análise das entrevistas, conforme parâmetros da história oral. Segundo Alberti,

Um acontecimento ou uma situação vivida pelo entrevistado não pode ser transmitido a outrem sem que seja narrado. Isso significa que ele se constitui (no sentido de tornar-se algo) no momento mesmo da entrevista. Ao contar suas experiências, o entrevistado transforma aquilo que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido. (ALBERTI, 2003, p.01)

O presente trabalho é composto de quatro partes. Na primeira, será apresentada a justificativa, na segunda, o referencial teórico, na terceira a análise das entrevistas e na quarta parte, as considerações finais.

## 2. Referencial teórico

A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalhas e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas.

Ferreira Gullar

Ao longo do tempo, a história, enquanto “ciência”, tem sofrido transformações, uma vez que não possui caráter linear, admitindo assim, mudanças constantes, recusando ou acatando novos conceitos e perspectivas. A esse respeito, são pertinentes as observações de Walter Benjamin (1940), para quem, na história, nada está pronto ou acabado. O pensador alemão critica a visão evolucionista da história, identificada com o progresso e que pressupõe suposta liberdade para os homens. Assim deve-se lutar para que o sol do futuro se torne o sol do presente. Benjamin escreve suas teses sobre o conceito de História. em 1940. e já inicia fazendo uma crítica ao materialismo histórico ortodoxo.

Como se sabe, deve ter havido um autômato, construído de tal maneira que, a cada jogada de um enxadrista, ele respondia com uma contra jogada que lhe assegurava a vitória da partida. Diante do tabuleiro, que repousava sobre uma ampla mesa, sentava-se um boneco em trajes turcos, com um narguilê à boca. Um sistema de espelhos despertava a ilusão de que essa mesa de todos os lados era transparente. Na verdade, um anão corcunda, mestre no jogo de xadrez, estava sentado dentro dela e conduzia, por fios, a mão do boneco. Pode-se imaginar na filosofia uma contrapartida dessa aparelhagem. O boneco chamado "materialismo histórico" deve ganhar sempre. Ele pode medir-se, sem mais, com qualquer adversário, desde que tome a seu serviço a teologia, que, hoje, sabidamente, é pequena e feia e que, de toda maneira, não deve se deixar ver. (BENJAMIN, 1940, tese I)

O materialismo histórico surgiu no séc. XIX ligados aos filósofos Karl Marx e Friedrich Engels. Essa tendência valoriza as lutas de classes para a interpretação dos acontecimentos sociais. Analisa a sociedade e seus modos de produção através do viés econômico. Defende que a evolução da história humana está intimamente ligada às várias formas de produção criadas pelas pessoas vivendo em sociedade. Marx propõe essa evolução histórica como um processo dialético, formado pelas forças produtivas e pelas relações de produção que, ao entrarem em contradição, geram a lutas de classes.

A história, como saber, experimentou uma verdadeira revolução durante o século XX. Desde a chamada escola de *Annales*, até o final do século 20, o questionamento sobre a história foi incessante e sua repercussão foi grande no Brasil, e, até os dias de hoje, influencia os novos historiadores. Os dois principais nomes da revista *Annales*, Lucien Febvre e Marc Bloch, pretendiam combater o positivismo histórico que surgiu no século XVIII, na França, através do

filósofo Auguste Conte, que valoriza a ciência acima de tudo. Para os pensadores positivistas cabe à história fazer um levantamento descritivo dos fatos.

Nesse período ocorreu uma desqualificação das fontes orais, uma vez que o positivismo empreendia esforços para uma cientificação do olhar sobre o pensamento humano em diversas áreas, inclusive nos estudos históricos, de modo que eles se tornassem objetivos, neutros e imparciais. O modo de abordagem dos *Annales*, ao contrário, passou a valorizar outras fontes, além dos documentos escritos. No final do século XX, temos a emergência da Nova História, conhecida como a terceira geração dos Annales, com a qual se abriria o diálogo com as mais diversas ciências: antropologia, sociologia, literatura, geografia, psicologia, entre tantas outras, além de ampliar seu olhar sobre as fontes. Volta-se também para a análise do cotidiano do homem popular, pesquisando sua religiosidade, sexualidade, festividade e a sua maneira de agir e de pensar. A Nova História constrói sua narrativa histórica valorizando a coletividade e procurando explicações para os acontecimentos do presente, com base em problematizações. Enfatiza que a história é como um processo que vem sendo construído através da interpretação do historiador, portanto, não existe uma verdade definitiva. Ela dá vida a vida dos marginalizados, que também são protagonistas da história: Negros, índios, escravos, pobres e operários. Portanto, já antecipando tal orientação, Benjamin afirmava que:

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos seus momentos. Cada momento vivido transforma-se numa citation à *l'ordre du jour* — e esse dia é justamente o do juízo final...” (BENJAMIN, 1987, tese III).

Atualmente é consenso entre os historiadores que a História não é um saber acabado. E que ela é concebida como uma ciência que investiga o modo de viver e de pensar das sociedades, num determinado tempo e espaço, organizando-os em uma narrativa. Ocupa-se em estudar a vida dos homens em sociedade: como trabalham, produzem riquezas e usufruem delas, de que maneira se organizam social e politicamente, como expressam suas ideias e registram seu pensamento.

Nas etapas de escolarização, durante muito tempo, a disciplina de História foi considerada uma matéria sem destaque, pálida, maçante, sem despertar o envolvimento do aluno. A pergunta corrente sempre fora: para que serve a história? por que estudar história? Esses questionamentos, sem a devida mediação, interligando-os à vida dos alunos, geram desinteresse e, por conseguinte, dispersão e indisciplina nas aulas. Isso ocorre devido à maneira

do professor descrever os fatos históricos como fatos terminados, isto é, desconectados do presente, como algo morto e definitivo, distante das experiências dos alunos. O ensino de história era, muitas vezes, fundamentado na memorização e/ou na repetição.

A história nunca é apenas a transmissão de conteúdo, é preciso dar vida aos acontecimentos históricos e compreender sua condição de construtor, incluído aí sua dimensão narrativa. Através dessa forma engessada de aprender, os alunos não encontravam ressonância nos fatos históricos com sua vivência atual. Passado e presente se desconectavam.

Percebe-se que enquanto os personagens principais são considerados vencedores e heróis, os acontecimentos do dia a dia de diferentes povos nem sempre são levados em consideração, a exemplo das questões relativas à saúde, família, educação, sexualidade, moradia e vestuário.

É nesse contexto que as narrativas do cotidiano, bem como as práticas da história oral, vêm trazer uma nova perspectiva para o ensino, pois os alunos das séries finais do ensino fundamental gostam de saber curiosidades que chamem a atenção, como, por exemplo, sobre como os povos do passado se vestiam, moravam, se alimentavam, ou seja, os acontecimentos reais do dia a dia. Esse cenário ainda contribui para a compreensão dos processos políticos e econômicos, posto que ambos não se dissociam.

é certo que as narrativas criam identidades, porque os personagens são apreendidos de forma mais “humana”, com sofrimentos, alegrias e dúvidas tais como ocorrem com todos os seres humanos. As experiências passadas podem ser compartilhadas com quem vive no presente, despertam maior empatia com os fatos e criam afinidades. (BITTENCOURT, 2009, p.143)

Ao trabalhar os conteúdos de História propostos pela BNCC – Base Nacional Curricular Comum – inserindo a história do cotidiano, os conteúdos ficam mais acessíveis porque os alunos conseguem comparar suas vivências pessoais com os hábitos de outras épocas. O que pode levá-los a desenvolver o respeito pelo diferente e ainda despertar o desejo de buscar outros conhecimentos históricos. Assim, lhes possibilita compreenderem a importância das pessoas comuns, como ele próprio pode se colocar no desenrolar do processo histórico, reconhecendo sua importância na construção da história humana, que é feita por todos e não apenas por uma minoria da classe dominante.

Todo conhecimento sobre o passado é também um conhecimento do presente elaborado por distintos sujeitos. O historiador indaga com vistas a identificar, analisar e compreender os significados de diferentes objetos, lugares, circunstâncias, temporalidades, movimentos de pessoas, coisas e saberes. As perguntas e as elaborações de hipóteses variadas fundam não apenas os marcos de memória, mas também as diversas formas narrativas, ambas expressão do tempo, do caráter social e

da prática da produção do conhecimento histórico. Assim, o cotidiano não estaria “fora” da História, mas sim no centro dos acontecimentos. (BNCC, 2017, p.399)

Ressalta-se que, ao perceber o interesse dos alunos nas narrativas cotidianas, vários livros didáticos começaram a ser reformulados, colocando relatos da época, complementando os fatos históricos. Foram criados espaços específicos para mostrar o cotidiano da época que está sendo abordado. Neles são descritos, a título de exemplo, como as pessoas viviam, brincadeiras e seus sentimentos, sendo, muitas vezes enriquecidos com infográficos bem elaborados e coloridos. Os PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 29-43), “propõem que o aluno possa aprender a distinguir suas vivências pessoais dos hábitos de outras épocas e relativizar, em parte, os padrões de comportamento de sua própria época.”

O historiador pode atuar de modo interdisciplinar, e, nessa perspectiva, a literatura tem muito a contribuir, sendo uma de suas formas, por exemplo, a literatura de cordel, que narra acontecimentos do cotidiano e nos leva a compreender um texto literário com o olhar da história, podendo ser utilizado como fonte histórica. O cordel tem muito a dizer sobre a sociedade e sobre os elementos do seu cotidiano. Outra forma de literatura que também tem contribuído muito com o ensino de história são as narrativas de ficção. Podemos citar o livro, *O triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto (1881-1922). Nele, o protagonista se envolve com diversos políticos locais e, durante a Revolta da Armada, vai ao Rio de Janeiro com o intuito de apoiar o governo do Marechal Floriano Peixoto, que estava sendo enfrentado pela marinha do país. No entanto, acaba sendo preso. Noutro campo disciplinar, destacaria ainda o livro *Casa grande e senzala*, do sociólogo Gilberto Freyre, lançado em 1933, que discute no gênero ensaístico a formação da sociedade brasileira a partir de temas como a comida, arquitetura, hábitos, sexualidade, vestimentas, etc.

O processo histórico não é linear, não está pronto nem acabado. O historiador utiliza-se das *fontes históricas* e das *fontes escritas*, que representam tipos de relatos deixados pela humanidade sejam eles através de livros, revistas, canções, jornais etc. Além de *fontes não escritas*, identificadas por exemplo, pelas armas, escultura, vestimentas, músicas, filmes e outros. O historiador deve ter muito cuidado ao analisar as fontes históricas pois, uma partida de futebol pode ser contada de forma diferente pelos torcedores de um ou outro time. Diante de um caso assim, além dos fatos como participantes do jogo, juiz, gols, e outros, o historiador deve analisar diferentes versões, tanto nos seus aspectos contraditórios, quanto nos coincidentes. Não confiaria só na opinião de uma pessoa, que poderia estar querendo apenas mostrar as vantagens de seu time. Para realização desse trabalho o historiador pode usar a história oral.

A história oral, como método, propicia mostrar uma história que está fora dos documentos oficiais e dar voz aos silenciados da história. Pois, ao narrar suas memórias, aborda aspectos que a história oficial não alcança, como dores, alegrias e expectativas daqueles que não puderam se expressar – o que é o pano de fundo da história oficial. Benjamin (1987, tese VII) fala de “escovar a história a contrapelo”. Segundo ele, a história escrita sempre fora a história dos vencedores. É proposta desse trabalho mostrar a história de pessoas que também fazem parte da história da escola, e não apenas dos governantes que criam as leis em seus gabinetes sem a participação das comunidades escolares.

Tudo tem uma história. A família de cada pessoa, a sua rua e o bairro que moramos, a cultura de uma região e suas tradições. Mas nem sempre existe interesse da classe dominante dar importância aos fatos corriqueiros de uma comunidade. Acontecimentos que se destacam em documentos oficiais é que, geralmente, entram para a história. Isso pode gerar obstáculos quando o aluno passa a frequentar os bancos escolares e toma conhecimento da história que normalmente é passada, pois ela não cria ressonância nele dificultando seu aprendizado. Os supostos protagonistas da história estão bem distantes da realidade deles. Bosi (1994, p.69) enfatiza que há uma história oficial, a dos manuais e das datas importantes que todos os estudantes, e sob protesto, tiveram de decorar. Mas há outra história, a de cada um, construída ao longo da vida, a partir de um cotidiano muitas vezes corriqueiro, mas sempre relevante. E continua “Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu”. Este trabalho está baseado na discussão sobre a narrativa histórica e mobiliza esses conhecimentos da oralidade. Para tanto, valer-se-á de entrevistas, por meio de um questionário.

### **3 - Entrevistas**

[...] a história oral é tão antiga quanto a história.

Thompson

Foram produzidas, com o recurso das entrevistas, narrativas orais com alguns representantes da comunidade escolar da EMPMA, com o intuito de refletir e (re) construir uma memória coletiva da escola, tomando esses relatos como fonte histórica. Com esse fim foi elaborado um questionário qualitativo, condizente com as práticas de história oral. Vale notar que, de acordo com CPDOC,

As entrevistas de história oral são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro. Caracterizam-se por serem produzidas a partir de um estímulo, pois o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas, geralmente depois de consumado o fato ou a conjuntura que se quer investigar. Além disso, fazem parte de todo um conjunto de documentos de tipo biográfico, ao lado de memórias e autobiografias, que permitem compreender como indivíduos experimentaram e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em geral. Isso torna o estudo da história mais concreto e próximo, facilitando a apreensão do passado pelas gerações futuras e a compreensão das experiências vividas por outros.<sup>2</sup>

Deve-se ressaltar também o fato de as escolas estarem fechadas, durante a realização da pesquisa, devido ao isolamento social provocado pela pandemia do coronavírus, impossibilitando, assim, a realização de entrevistas presenciais. Os questionários foram enviados por WhatsApp e e-mail, sendo respondidos de forma manuscrita e/ou oralmente através do *Google Meet*. A pesquisa, a partir de sua fundamentação teórica e dos objetivos estipulados, foi dirigida à Escola Municipal Professor Moacyr Andrade. Nela foi aplicado um questionário para os vários seguimentos de profissionais da escola e alunos do terceiro ciclo do ensino fundamental. Os depoimentos foram transcritos, respeitando-se sempre as marcas de oralidade de cada discurso, mas com mínimas alterações e correções para o registro escrito, a fim de se garantir a compreensão. As questões foram respondidas separadamente por cada participante, que as receberam por e-mail ou mesmo durante as entrevistas agendadas e realizadas por vídeo. Apresenta-se, abaixo, uma breve relação de entrevistados:

Entrevistados	Cargo que ocupa	Anos de trabalho na EMPMA
A.G	Diretor	25
R	Vice - Diretora	22
V	Professora	10
W	Coordenadora	12
Ma	Professora	17
M	Professora	35
E	Coordenadora	6
G	Aluna	9
A.L	Aluna	10

<sup>2</sup> <https://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral> acesso em 24/06/2021 as 21:05

D.H	Aluno	10
G.A	Aluno	8

Contudo, as entrevistas não são a própria história. Elas devem ser interpretadas e analisadas como fonte, uma *fonte oral*. A maioria está em forma de texto, devendo assim ser verificado de que forma ela pode ser utilizada para atingir o objetivo da pesquisa. A história oral, como metodologia de pesquisa, ao considerar a dimensão discursiva do conhecimento histórico, possibilita a participação de pessoas excluídas do processo, uma vez que,

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e dos outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a um determinado lugar e a determinada época. (THOMPSON, 2002, p. 44)

Com o objetivo de conhecer a origem do nome da escola foram feitas duas perguntas: Quem foi o professor Moacyr Andrade? Ele tem alguma história na comunidade? A. G., atual diretor da escola faz parte do quadro de profissionais desde 1995. Ele salienta que, segundo contam os colegas mais antigos, Moacyr Andrade era professor de matemática e escritor, publicava sob pseudônimo. Do mesmo modo, a atual vice-diretora que trabalha na escola desde 1999 nos informou que:

Já procurei muito sobre ele por causa dos trabalhos que a gente já fez na escola, mas não achei quase nada. Eu não tenho muita certeza se é desse Moacyr Andrade que eu vou te falar: Há pouco tempo recebi um livro de memórias de venda nova e nele estava o nome de Moacyr Andrade. Então fui procurar saber. Ele foi um jornalista da região de venda nova e trabalhava nos diários associados, um antigo diário da tarde e tinha o pseudônimo de Gato Félix. Além de jornalista ele também era professor e deputado, mas isso não consegui confirmar se era deputado estadual ou vereador de Belo Horizonte. Não foi possível apurar essa questão de ser realmente esse jornalista que trabalhou nos diários associados, na década de 70. É muito difícil encontrar quem é a pessoa, porque a única coisa que temos é uma foto, mas não se sabe realmente quem foi Moacyr Andrade. Se você perguntar na comunidade ninguém sabe. Nem os próprios funcionários da escola, ou as pessoas que já se aposentaram. Na década de 80 era muito comum colocar nomes de professores antigos nas escolas. Eu não sei se ele foi professor da rede municipal de Belo Horizonte, acredito que não tenha sido. Porque ele morreu segundo informações por volta de 1979.

Ao fazer a mesma pergunta para os alunos, percebe-se que eles igualmente desconhecem a história do professor que deu origem ao nome da escola. As respostas demonstram que foi realizada uma busca na internet, trazendo, no entanto, os resultados incidem sobre outras pessoas, homônimas. Segundo a aluna G., do nono ano, Moacyr Couto de Andrade foi um pintor

e desenhista manauara. Inicia-se na pintura como autodidata. Por volta de 1942, ele estuda desenho na Escola Técnica de Manaus. Gradua-se em Museologia pelo Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro. Em 1954, aproximadamente, integra o Clube da Madrugada, na cidade de Manaus. Semelhantemente, o aluno *G. A.* responde que foi um pintor e desenhista. Já a aluna *A.L. e D. H.* responde que não o conhece.

Percebe-se, no entanto, que se trata de um desconhecido para a atual comunidade escolar. Pode -se concluir que não há registros na escola capazes de informar e/ou preservar a memória do jornalista homenageado no nome da instituição. Como ocorre em muitas outras instituições públicas do ensino da cidade, não há, efetivamente, nenhuma significação ou simbolismo no nome da escola.

A educação no Brasil apresenta desafios de várias ordens e o professor, de forma geral, tem enfrentado muitas dificuldades na sua vida escolar. Com essa perspectiva, perguntou-se aos professores da EMPMA quais são as maiores dificuldades enfrentadas por eles. De acordo com a professora *M.*, que está na escola desde sua fundação, nota-se a falta de colaboração de muitos pais e, às vezes, de colegas de trabalho também. Além disso, ela aponta a estrutura inadequada em alguns setores principalmente quando chove; a não participação do conselho tutelar quando precisa, pois, muitos alunos residem em outro município. Do mesmo modo, a professora *E.* ressalta alunos desinteressados, pouca participação familiar, problemas como mazelas sociais que se realçam no inter-relacionamento dos alunos, violência e drogas do entorno. Sob o mesmo ponto de vista, a professora *Ma.* enumera indisciplina de alguns alunos, ambiente escolar barulhento, quando tem atividades no pátio, e alunos que não fazem o dever de casa. Já a professora *W.* acrescenta, entre os problemas listados, o acesso à materiais diversificados para atender todos os alunos, de acordo com sua demanda de aprendizagem, a falta de mídias disponíveis para que o aluno possa ter acesso nas aulas presenciais, salas de aula lotadas, impossibilitando muitas vezes que o professor faça intervenções pedagógicas individualizadas, devido ao grande número de alunos por sala. Aponta ainda as dificuldades socioeconômicas dos estudantes, que obrigam o professor a se encarregar muitas das vezes de outras demandas, além do pedagógico. A professora *V.*, por sua vez, acredita ser o grande problema a falta de diálogo claro entre os professores, direção e outros funcionários da escola, além da ausência de materiais que facilitem o trabalho didático, sem mencionar ainda o desrespeito dos alunos.

Os alunos também foram questionados para saber quais são as maiores dificuldades enfrentadas por eles na escola. *G.A.* responde que é a recuperação no sábado. Para ele não tem coisa pior que ir fazer recuperação em pleno sábado, porque seria um dia para passar com a

família. É cansativo principalmente para quem já fica o dia todo na escola. Enquanto para *G.*, é a falta de materiais para facilitar o aprendizado e atraso no ensino. Segundo a *A.L.*, é a dificuldade para se comunicar com colegas e professores.

O ambiente escolar é permeado de muitas vivências no seu cotidiano que acabam ficando na nossa memória. Refletindo sobre isso, foi solicitado aos professores que relatassem um acontecimento que marcou sua trajetória na EMPMA. A professora *W.* vê todos os acontecimentos como fatos importantes ou desafios que já foram vencidos: “Até o momento, o que vem na memória são as confraternizações que aconteciam no final do ano onde todos se reuniam, funcionários e familiares juntos”. E *V.* acrescenta o momento de oração entre os professores antes de começar o trabalho. Conforme a professora *M.*,

Neste tempo em que leciono na EMPMA, tive muitos momentos marcantes. Os projetos que desenvolvi na escola, junto com outros colegas, sempre foram bem aceitos, tanto pela direção quanto pela coordenação e pais. Fiz um projeto de Geografia no 5º ano, chamado Correspondência, que incentivou muito os alunos, como também recebi na escola um grupo de professores querendo saber mais sobre ele, e, levaram cópia do projeto para desenvolver em suas cidades. Depois de anos, encontrei um ex-aluno que hoje é professor de Geografia, relatando que o trabalho com o projeto o fez escolher essa área. Teve o projeto da Bonequinha Preta, desenvolvido juntamente com a professora *M.M.*, que nos proporcionou receber prêmio do Sesc no 4º lugar. A nossa coordenadora na época, *VA.*, fez a inscrição e depois nos comunicou. As primeiras saídas (trabalho de campo, que chamávamos) dos alunos para outras cidades, foram projetos do *A.L.* (Geografia 6º ao 9º) e eu, em História e Geografia (5º). Fomos para Ouro Preto e Mariana. Os pais pagavam na época. Os alunos gostavam muito. São muitos acontecimentos marcantes. Um acontecimento que não esquecerei jamais, foi quando perdi minha mãe (1999). A diretora, *MAR* e a vice, *MC*, receberam o aviso dos meus irmãos. Eu estava na sala de aula, explicando atividade, recebi um telefonema (não uso celular em sala, mas quando vi que era irmão, senti que deveria atender). Desci as escadas correndo, entrei na sala da direção e elas me ampararam, conversaram. *MAR* me levou até à casa da minha mãe, ficou um tempo lá, dando auxílio. O apoio que recebi de todos da escola foi surpreendente, ficou gravado em meu coração. Foram dias difíceis que passei, mas me ajudaram a superar. São pessoas incríveis. Só tenho a agradecer à Deus por colocar pessoas que acrescentaram e acrescentam algo em minha vida, pois sempre aprendemos independente do momento, do dia.

De maneira idêntica, a professora *E.* guarda na memória recordações que para ela foram marcantes.

Particpei da Câmara Mirim. Foi maravilhoso. É um projeto desenvolvido pela Câmara Municipal de Belo Horizonte, em que 45 (quarenta e cinco) adolescentes, escolhidos pelas escolas participantes, se reúnem, periodicamente na Câmara, e aprendem muito sobre Legislação. Eles são empossados como Vereadores Mirins. Tive a oportunidade de acompanhar 4 (quatro) alunos nossos à Brasília, na Câmara de Deputados Federais (Congresso Nacional), foi muito aprendizado. Amo tudo que a escola desenvolve. Creio que essa ida a Brasília marcou minha trajetória até o momento, pois, como a participação de nossas vereadoras foi muito boa, fomos convidados a participar do Projeto por mais um ano.

De modo análogo, *R.* analisa que vários momentos vividos na escola ficaram em sua memória, por isso relata o início de sua trajetória.

São tantas coisas que ficaram na memória, mas posso te falar a primeira. É uma questão minha. Eu estava relutante em ir para a EMPMA, porque, sendo professora de matemática e sabendo que as escolas não tinham professores de matemática, eu tinha pedido um extra ofício da escola em que eu estava e briguei na SMED – Secretaria Municipal de Educação porque me colocaram em uma classe vaga sem me avisar, tinham que me colocar em uma escola, mas tinha que ser uma escola que eu queria. Então, ela me ofereceu a EMPMA que tinha 5 vagas, mas pensei que a escola deveria ser horrível. Só tinha duas escolhas: Moacyr ou barreiro. Depois de um mês brigando, veio a decisão final. Eu não tinha opção. Meu ex-marido foi conhecer a escola. Ele disse que ela era escola muito grande e diferente da que eu tinha trabalhado e que tinha sido muito bem recebido. Fui então com meu filho Gabriel, que estava com 2 meses, e deixei ele dentro do carro com meu marido. Me receberam muito bem, queriam saber do bebê. A diretora desapareceu enquanto eu conversava com a vice-diretora. Estava me explicando que era a primeira vez que um marido vinha ver a escola, antes da professora. Quando vi a diretora chegando com Gabriel no colo, eu pensei que pode não ser a escola que eu quero, mas ela me ganhou naquele dia. É uma escola acolhedora, as pessoas que não conseguem se adaptar ao sistema da escola não ficam e pedem para sair.

Tendo em vista a constância de festividades organizadas pelas escolas em diversas datas comemorativas, aproveitou-se a oportunidade para solicitar um relato de memórias dos professores e alunos desses eventos ocorridas na escola. Segundo *W.*,

Todas as festividades que aconteceram na escola, eu vejo como importante para a cultura local de onde a escola está inserida. As que mais me marcaram foram as festas juninas, onde a escola envolvia toda a comunidade escolar: funcionários, alunos e pais, nas gincanas. A culminância era a festa junina. Que resgata valores culturais, engajamento familiar com o estudante e a escola.

Da mesma forma, *M.* relata:

Muitas memórias boas, alegres. Teve um tempo em que a escola todo mês tinha apresentações: danças (jazz, balé, do ventre, flamenca...); festival; coral; garoto/garota Moacyr; participação em quadrilha de BH, gincanas, feira de cultura, festas juninas... Sempre gostei muito das festas juninas, pois havia apresentação de dança de outro Estado também, sem contar a culinária com as delícias que nem sempre dava tempo para quem trabalhava provar.

No mesmo sentido de *M.* e de *W.*, *V.* também ressalva: “algumas festas juninas de que participei foram marcantes, interagiam pais, alunos e ex-alunos. E tinham apresentações dos alunos, que é sempre muito gostoso de ver. Destaco também os torneios esportivos, gincana, Dia de Ação de Graças. Foram projetos que envolveram toda a escola, teve uma repercussão grande e estavam ligados a valores importantes para o ser humano”. *E.*, por sua vez, está de acordo quando relata entusiasmada: “Amo tudo que realizamos. Me recordo de uma festa julina em que o tema foi, entre outros, o Rio São Francisco; as danças temáticas; foi maravilhoso”. *A.*

recorda dos bailes de primavera e das formaturas, quando as famílias se esmeravam nas vestimentas e a escola na ornamentação, ele acredita que, nesses momentos, “a escola adquiria brilho próprio e isso era muito bom”. Também recorda sua primeira eleição para vice-diretor em 2001, quando foi possível aplicar cromoterapia nas salas de aulas e no muro da escola, e ajudar famílias com cesta básica. Semelhantemente, *R.* concorda que as festas juninas deixam marcas na escola, pois todos se movimentam na realização do evento, mas relembra um projeto que foi muito especial para ela:

Na minha memória, quando começa maio e junho, e falam que vai ter Festa Junina, para mim é uma loucura. Me lembro de projetos maravilhosos que foram festividades lindas, mas teve um deles em que trabalhei muito, inclusive os professores entraram em estafa. Realizamos um projeto cujo tema foi Copa do mundo. Dividimos a escola em letras e cada uma era um país. Foi uma loucura. Tinha dia que a gente mudava os meninos de sala. Cada professor ficou envolvido com um país da copa e assim nós trabalhamos toda a cultura do país e fizemos uma feira de cultura maravilhosa. Com apresentação de danças típicas com os meninos. Me marcou muito, porque eu estava praticamente chegando na escola e não era muito fã de festas desse tipo. Me marcou ver a escola do jeito que ela estava e os pais dentro da escola. Então essa comemoração da Copa do Mundo foi bem marcante para mim.

Diferente dos professores, os alunos evocam de suas memórias outros momentos que julgam prazerosos. *G.*, por exemplo, faz menção ao café com prosa, que é um evento organizado pela escola. Ele ocorre duas vezes no ano, envolvendo toda a comunidade escolar, com objetivo de premiar os alunos que se destacaram positivamente nas notas e no comportamento. Ocorrem várias apresentações artísticas para homenagear alunos, pais e professores. Segundo ela, “sempre foi um evento muito legal”. No fim do semestre ocorria uma festa para parabenizar os alunos em destaque. Aconteciam diversas apresentações e danças.

Perguntou-se aos entrevistados, quais memórias e sentimentos eles guardam desses momentos. A professora *E.*, que faz parte da equipe organizadora do projeto, avalia que,

‘O Café-com-prosa’ é um evento sensacional. As famílias, que precisamos tanto delas, participam, se empolgam. É um momento de valorização daqueles alunos que se dedicaram ao longo do trimestre. Observo que muitas energias na escola, são depositadas nos alunos indisciplinados e que não se dedicam. No ‘Café-com-prosa’, podemos voltar nossa atenção àqueles que se dedicam.

Assim como a professora *E.*, *W.* acredita que são os “sentimentos de troca” que socializam grandes aprendizados discutidos no decorrer do trimestre letivo, e os vê “como um momento de celebração da aprendizagem”. De maneira idêntica, *M.* ressalta,

sentimentos de gratidão, amor, alegria... Muitos deles foram meus alunos quando entraram na escola, no turno da tarde, depois, vieram para o turno da manhã e percebo o quanto se esforçaram, dedicaram, desenvolvendo como alunos e sujeitos críticos, com caráter. Sentimento de muita fé em Deus, por acreditar que mesmo com pouco, se consegue muito (a semente nasce, desabrocha, cresce e se abre para a vida).

De acordo com V., participar do ‘Café-com-prosa’ é muito bom: “A preparação do tema, das apresentações dos próprios alunos é muito legal e o ato de reconhecer e valorizar os que fizeram sua trajetória com responsabilidade é importante. Nessa mesma perspectiva, Ma. acredita que ‘Café-com-prosa’ é algo mágico. É o momento de prazer e orgulho pelos alunos e seus familiares. E eu me sinto realizada e feliz pelo bom trabalho realizado. Assim, meu objetivo foi cumprido”. Conforme A., “eu sou o pai desta ideia que tem dado frutos desde o início, apesar da resistência inicial e até mesmo da regional Venda Nova. Começou com 15 alunos destacados e hoje chegou a mais de 180 alunos, é gratificante”. Da mesma forma, R. discorre sobre vários momentos desse evento, desde sua implementação até os dias atuais.

Falar de café com prosa para mim é lembrar de muitas coisas, eu fui para a coordenação pedagógica do turno da manhã, porque no turno da tarde eu já estava na coordenação. Nós estávamos vindo de uma gestão meio complicada e quem assumiu a coordenação foi eu, A. e M. Porém, para eu assumir, coloquei determinadas questões que teriam de ser mudadas e uma delas que me incomodava muito, principalmente pela escola integrada, era tudo ser pensado para o aluno ruim. O aluno bom, eu ouvia os professores dizerem em conselho de classe, não fazia mais que sua obrigação. Aquilo me incomodava profundamente, porque eu fui uma aluna A e tive o reconhecimento da escola. Contudo, meus alunos não eram valorizados. Quando eu estava em sala de aula, todo mês reconhecia os meus alunos bons e incentivava os ruins. Quando assumi junto com M. a coordenação pedagógica, eu queria criar alguma coisa diferente. Daí, o ‘Café-com-prosa’. Eu não queria no final do mês que entregasse o bilhetinho para menino e falasse que ele era bom, eu queria uma coisa diferente, e então nós fizemos o nosso primeiro ‘Café-com-prosa’. Foi mirradinho, começamos com 36 alunos. No segundo semestre, nós fizemos um pouco melhor. Já o terceiro, eu tenho muitas lembranças, porque M passou por vários problemas e estava de licença. Eu tinha que distribuir as provas de recuperação, organizar os alunos para a prova. Então, a M., que era uma estagiária na época, me ajudou muito e nós fizemos um “café com prosa” onde as fotos dos meninos foram coladas em TNT e nós conseguimos fazer. Para mim, ele foi o café da vitória. Foi então que a M. teve a brilhante ideia de estender para o turno da tarde. A partir daí, outras pessoas se envolveram e começaram a acreditar que daria certo. Houve um ‘Café-com-prosa’ adiado várias vezes porque eu estaria de férias. Isso mexeu muito comigo. Realmente eu trabalhei duro para ter o café com prosa. Nós já estamos no 22º e já tive muita emoção, até chorei. Uma vez organizei um após a morte do meu pai. Foi muito difícil para mim. Consigo enxergar que as estrelas do café com prosa são os alunos e suas famílias.

Ao perguntar para G.A. quais memórias ele guardava das festividades ocorridas na escola, ele relata: “Todo dia era dia de festividade para nós, quando nosso grupinho se reunia para gente ficar conversando”. Semelhantemente, D. disse sentir muitas saudades das atividades em grupo feita na sala de aula e educação física. A. L. lembra-se do projeto *Solidariedade*, que levava todos a se unirem.

Foi solicitado aos entrevistados que relatassem também um acontecimento que marcou a trajetória deles na EMPMA. Nesse sentido, G. respondeu que “foi quando uma autora de livros foi visitar nossa escola, ocasião em que ele e alguns alunos dançaram uma coreografia”.

E o que marcou A., foi ter participado da entrega de alimentos para as pessoas no projeto *Solidariedade*.

A EMPMA realiza muitos projetos, como já foi citado nas respostas anteriores, dentre outros, o “*Café-com-prosa*” e o “*Solidariedade*”. Ao longo das décadas, diferentes projetos educacionais também foram propostos pelas secretarias municipais e estaduais. Podemos citar o da Escola Plural e o Escola Integrada. Quais marcas eles deixaram? A troca de gestão atrapalha os projetos? Aproveitou-se para perguntar também qual avaliação eles fazem da Escola Integrada em todos nos âmbitos familiar, escolar e cultural.

A professora M. citou projetos do governo como, por exemplo,

O Construtivismo, Escola Plural, Floração, EJA juvenil... Todos contribuem de alguma forma, fazendo com que a gente repense no trabalho (como, por que, para quem...). Sendo necessário adaptações de acordo com a realidade da escola e da comunidade. As trocas ficam prejudicadas, pois cada um que entra que dar seu palpite, pois acha que o antecessor não fez direito, e às vezes, muda sem olhar os prós e os contra.

E ela avalia que “a Escola Integrada é um projeto que tem boas intenções, mas nem sempre corresponde à realidade da escola, o que afeta um pouco o trabalho”. Prossegue ela, “Penso, que deveria caminhar de mãos dadas com os professores, auxiliando no que é preciso, pois, às vezes, o aluno é muito bom na Integrada, mas não é na Regular”. Já W, ao discorrer sobre o tema, salienta que,

Os projetos implantados pelas secretarias tiveram pontos positivos. O Projeto Escola Integrada movimentou bastante o espaço escolar, porém foi e ainda representa relevância no processo educativo dos estudantes da rede municipal. Ele teve grande repercussão no âmbito escolar, mexeu com a estrutura física e pedagógica das escolas. Assim como qualquer projeto, teve seus pontos negativos: forma de estruturação, falta de pessoas capacitadas para trabalhar no projeto e de espaço físico adequado onde os alunos pudessem desenvolver outras habilidades no contraturno. Porém, é um projeto que ajuda bastante as famílias dos alunos que se encontram em vulnerabilidade social. Geralmente mesmo com a troca de gestão, os projetos em andamentos continuam, às vezes na íntegra ou com alguns ajustes.

A., por outro lado, avalia que o maior impacto foi o da Escola Plural, “que deu uma cara de frouxidão na questão da aprovação, e que até hoje lidamos com isto”. Enquanto V. acredita que “a Escola Integrada é um projeto muito bom, mas prejudicado por acontecer de qualquer jeito, sem espaço físico adequado para as atividades propostas, e porque muitas vezes não se integra realmente em ações com escola”. E., do mesmo modo, avalia que “ficou muito tempo sem verdadeiramente se integrar ao Ensino Regular. Que seu papel é de complementá-lo. As atividades de uns anos para cá, se integram mais e observei que a presença dos alunos está maior. Acho muito importante o Projeto Escola Integrada. Percebo que, assim como no Regular, a família participa pouco, mas os alunos gostam muito das atividades desenvolvidas”. Ma.

também acredita que a Escola Integrada “veio abraçar os alunos em relação ao bem-estar, ao envolvimento nas atividades, propiciar momentos lúdicos e prazerosos e, principalmente, dar segurança aos familiares, que não sabem onde deixar os filhos enquanto trabalham”. Semelhantemente, *R.*, que vivenciou vários projetos implementados pelo governo na escola, avalia que:

“o grande projeto é a Escola Plural. Todos os problemas dela foram avaliados quando ela fez 10 anos. Foi implantada 1995, como uma correção de um número muito alto de alunos retidos na época que eram reprovados. Retidos é o nome mais atual, então ela veio para tentar corrigir isso, com muita mudança, foi assim uma revolução, uma revolta muito grande dentro da rede, porque as pessoas não compreendiam o que era Escola Plural. Houve muitos erros no sentido de acharem que era uma escola onde não precisava trabalhar. Pois não se dava mais conteúdo, só ia trabalhar com projetos interdisciplinares. Tivemos algumas coisas que eu achava errado e continuo achando, como a aprovação automática. Era entendido que o menino tinha aprovação automática junto com a correção de idade. Muitos alunos que estavam na quinta série de antigamente eram levados para oitava série para ser certificado. Não tinham embasamento. Aprovou muita gente que não sabia nem ler ou escrever, porque naquela época isso era comum. Se fomos pensar anterior a escola plural, o que se falava era que escola não era inclusiva, ela excluía os alunos. Porque o aluno entrava na primeira série e tomava várias bombas. Então desistia de estudar. E com a escola plural ele não toma bomba no primeiro ano, segue para o segundo e só poderá ser retido no terceiro. Hoje nós entendemos que cada um tem seu tempo, mas naquela época nós, professores mais antigos, agíamos da seguinte forma: ou eles sabiam ou não e se reprovava. Não tinha uma discussão por trás disso. Nesse ponto das séries iniciais, ela foi boa, mas era muito difícil as pessoas entenderem isso e junto com a Escola Plural surgiram vários métodos do construtivismo, onde o menino tinha direito a escrever tudo errado, fazer do jeito que ele quisesse, não podíamos corrigir e vários outros métodos que vieram juntos com a Escola Plural. Hoje, a gente vê que nada melhor do que o ‘Beabá’ mesmo. Uma cartilha bem antiga para que o menino possa aprender, não estou falando que os métodos atuais são errados não, todos eles têm uma coisa boa, mas foi uma mudança muito grande e quando nós começamos a entender a Escola Plural, vem a mudança do governo federal e muitas coisas foram colocadas por Terra daquela construção que estava sendo feita, porque voltava para a lei maior, para a lei do governo federal. Portanto, voltamos à estaca zero. Outra decisão que a prefeitura tomou foi o projeto em que os alunos da antiga 5ª série teriam que ter aulas com os professores de 1ª a 4ª – séries, porque elas são próximas da idade deles. 10 anos depois a prefeitura ela muda, quem tinha que dar são os professores de 6ª – série e do terceiro ciclo. Os professores que antigamente eram chamados com a designação de ‘Professor municipal 2’, pois hoje são professores municipais. Isso causa outro reboiço dentro da rede. E essa nova gestão da Secretaria Municipal acredita que os professores que não são especialistas prejudicaram o Ideb da prefeitura. Chego à conclusão de que ou você se revolta e acha que tudo está errado, ou você se adapta. Acredito que na EMPMA, mesmo com muitas dificuldades, nós estamos conseguindo nos adaptar as muitas mudanças e ainda veio a pandemia para completar. Até então, o professor que falava que não podia se sentar na frente de um computador para registrar a justificativa do seu ponto eletrônico, hoje tem que ir para fazer uma aula, atividades, preencher planilha. A vida ensina e todos os dias a gente aprende alguma coisa. A pandemia veio para revolucionar, não é um projeto da rede é um projeto de vida e esse projeto veio para mudar muita coisa daqui para frente.

Sobre a Escola Integrada, ela complementa as falas anteriores e esclarece que,

nós rejeitamos um pouco a Escola Integrada. A EMPMA é pioneira em muita coisa. Já tínhamos sentido a necessidade de ampliar o tempo escolar de alguns alunos. Não quero dizer que nós criamos a ‘escola integrada’, mas antes de ter o projeto ‘escola integrada’ nós já tínhamos começado com algumas turmas. Foi ampliado para o aluno que tinha dificuldade, então ele ia na parte da manhã. Foi colocado um professor para trabalhar com esse aluno. Fizemos também o projeto “Recrear” que foi criado na época, porque muitos alunos não queriam voltar para casa devido a vários problemas em casa. Eram alunos extremamente violentos no sentido de carência afetiva, não era violento porque queria ser violento. Tínhamos muitos problemas com esses meninos. Esses meninos estudavam de manhã e ficavam para o turno da tarde. Entrou a Escola Integrada da Prefeitura. Para mim, até hoje ela não cumpre o papel que a prefeitura queria, a intenção era tirar os meninos das ruas, mas eles vão embora 16 horas e os pais chegam as 19 horas em casa. A EMPMA foi a pioneira para corrigir isso, porque nos últimos anos nossa ‘escola integrada’ estava começando às 7:00 da manhã e terminado às 5:30 da tarde, porque era uma forma da gente resolver o problema da nossa escola. Depois, a prefeitura mudou o horário também das outras escolas. Ela foi a menina dos olhos da prefeitura durante muito tempo e foi investido muito dinheiro. Havia muitos projetos bacanas, não quero dizer que hoje os projetos não sejam, mas naquela época fazia-se muito mais. E das pessoas que passaram pela integrada, eu vou defender a atual coordenadora M.M., porque ela deu uma outra cara à nossa escola integrada. A escola integrada passou por outras coisas que talvez outra pessoa não daria conta, como falta de dinheiro, redução dos recursos materiais e das coisas que eles faziam como muitas excursões, tiveram muitas oportunidades a nível cultural, ajudou muito os meninos na época. Nos últimos anos, ela se voltou para o reforço escolar, para o aprendizado, trocou se os monitores porque acabou os projetos de antigamente. Comparando do início até hoje, ela está mais pedagógica do que lúdica. Eu acredito em uma ‘escola integrada’ com o tempo ampliado para todos os alunos.

Os alunos também foram questionados sobre projetos externos propostos pelas secretarias municipais, estaduais e federais, dentre eles a participação nas provas Brasil e Simave. E, como eles veem a política do prefeito de Belo Horizonte, que oferece uniforme e kit escolar para os alunos. Com relação as provas externas, *G.A.* se diz “surpreso, porque não era comunicado para os alunos que haveria prova e sempre que tinha a gente não sabia que ia ter e não sabíamos se os professores iriam avaliar. Então ficava confuso”. Mas sobre o uniforme e kit ele resalta ser muito bom, pois “tem alunos que não podem comprar”, considerando ainda ser isto “um direito do aluno e dever do prefeito”. Ao passo que *G.* se sentia atrasada em relação ao conteúdo das provas, pois “as matérias cobradas eram bastante diferentes das matérias ensinadas na escola. Acho muito legal o uniforme e o kit, pois para quem não tem condições isso ajuda muito”. Já *A.L.* concorda com a opinião de *G.*, mas com relação as provas ela se sentia um pouco tensa, assim como *D.*, mas sobre o uniforme e kit ele concorda que “o governo está fazendo sua obrigação, já que todos têm direito”.

O auditório é um ambiente que desde sua construção propiciou a ocorrência de várias atividades envolvendo a comunidade escolar, sendo muito utilizado pela Escola Integrada e por vários projetos como o *Café-com-prosa* e o *Solidariedade*. Como você percebe essa movimentação nesse espaço? questionei a eles.

De acordo com *A.*, o auditório “foi pensado para ser um foco de acesso à cultura mais clássica e ampla para a comunidade, fui o pai da ideia, hoje a ‘Escola Integrada’ faz teatro, dança, shows e a comunidade usa. É excelente”. Nesse mesmo sentido, para *E.*, o auditório é “um espaço maravilhoso. Acho que pode ser mais usado pelo grupo de professores. As atividades artísticas são extremamente necessárias e colaboram com a formação acadêmica e pessoal dos nossos alunos”. Da mesma forma, *R.* nos diz que:

O auditório foi construído com o orçamento participativo. Os diretores na época lutaram muito para construção desse auditório. Eu acho que ele é pouco cuidado pelos alunos que não têm o pertencimento. Já briguei muito com a ‘escola integrada’, utilizando o auditório e aula de dança do ventre, porque ele não foi feito para isso, é muito mal utilizado. Quando a gente realmente passou a usar o espaço para o qual ele foi feito, nós tivemos muitas alegrias ali dentro. Usar o auditório para passar um filme é bacana. Mas quando acaba o filme você tem cadeira arrebitada. Tem que fazer com que esse lugar seja um ambiente para mostrar suas festividades, talentos, cultura. Ele foi um ganho muito grande e está largado. Eu gostaria de sair da escola com ele arrumado, a parede está despençando, o teto caindo na cabeça da gente, as cadeiras que nós trocamos a pouco tempo estão quebradas. Sinto muito porque é um ambiente que deveria ser bem tratado dentro da escola, porque não são todas as escolas que têm, nós temos o privilégio de ter esse ambiente. Todas as vezes que teve festividades ali dentro valeu a pena.

A EMPMA está inserida em uma comunidade carente onde os pais saem cedo de casa para trabalhar, deixando os filhos sozinhos em casa ou na escola integrada. Pensando nesse contexto, foram propostas as seguintes questões: Quais foram e continuam sendo as principais contribuições da escola na vida da comunidade? Quais seriam os papéis desempenhados pela escola e a participação das famílias na vida escolar? De acordo com o professor *A.*,

Após a instalação da antiga 5ª a 8ª séries na escola, ocorreram muitas atividades e ocupação para os jovens. Foi criada a prática das festas juninas, bailes da ‘Garota Primavera’ e da ‘Beleza Negra’, campeonatos de futsal, jogos entre times dos professores contra os alunos, feiras de ciências e de geografia, trocas de correspondências entre turmas de outras escolas, escolinha de futebol, a partir de 2001. Com relação a participação dos pais, uma parcela grande que participa se refere aos alunos dos anos iniciais, à medida que eles crescem vai reduzindo a participação da família.

*E.*, por seu turno, avalia que “alguns pais participam ativamente da vida escolar dos filhos, pois comparecem quando são chamados, mostram interesse pelos deveres de casa dos filhos e estão sempre dispostos a ajudar. Estes se preocupam com o rendimento escolar e a importância da escola para o filho. Agora, outros, devido às condições socioeconômicas não procuram a escola e não dão apoio aos profissionais”. Na mesma direção, a professora *Ma.*, analisa que “a partir de alguns anos para cá, muitas famílias deixaram de participar, por diversos motivos e acham que os filhos devem caminhar sozinhos, serem independentes. Percebo isso, quando aluno era

do turno da tarde e passa para o turno da manhã, alguns pais deixam de acompanhar; outros, continuam dando assistência”. *M.* também observa que “a participação familiar é pouca. E que, infelizmente, muitos alunos estão sozinhos em sua caminhada escolar”. Da mesma maneira, *V.* acredita que “a família poderia contribuir mais, participando dos eventos indo à escola, mesmo quando não é chamada; olhando periodicamente os cadernos dos filhos; acompanhando o calendário de avaliações e com outras ações”. *E.* ainda acrescenta “que muitos quando convocados a estarem na escola, não comparecem”. *W.* concorda com os colegas, ao narrar seu trabalho como professora atuante nos anos iniciais e final do Ensino Fundamental, ela avalia “que há maior participação das famílias na vida escolar do estudante quando estes estão nas séries iniciais. Já no Fundamental 2, ou seja, do 6º ao 9º, percebe-se um distanciamento maior das famílias, uma vez que estão na pré-adolescência e os pais acham que os filhos precisam ter mais autonomia”. De acordo com *R.*,

a EMPMA fica no limite entre Belo Horizonte e Ribeirão das Neves. Em torno de 70% dos nossos alunos são de Ribeirão das Neves, e não, do entorno da escola. É uma região que têm muitas escolas. Tem a Escola Estadual Menino Jesus de Praga, as Escolas Municipais Cônego Trindade, Zilda Arms, Adalto Lúcio, Tancredo Neves e Mário Mourão. Outra questão são os aluguéis que além de serem baratos, não exigem nenhuma avalista e nem tempo de aluguel. Assim a rotatividade de aluno também é muito grande. Temos os que entram no primeiro ano e saem no nono ano, mas tem muita troca de aluno, o que não é muito comum em escolas quando são as únicas do bairro. Eu acredito que seja por isso que não há uma participação maior da comunidade. Pode até haver outras questões, porém essa é uma das questões que eu acredito ser o ponto principal e quando são chamados a comparecer na escola a participação não é tão grande, eu já cheguei à conclusão de que seria pela confiança na Escola, porque os pais colocam seu filho lá dentro e sabe que ele está “protegido”. Dá para perceber isso quando tinha toque de recolher, a escola protegia as crianças. Talvez pela confiança ser tão grande, ela acredita que não precisa ter uma participação tão efetiva. Tem outra questão também referente a vida das pessoas, do nível de vida delas terem que sair cedo para trabalhar. E uma das grandes culpadas também é a própria escola, pois é uma característica dela, pelo menos das direções passadas de não trazer a comunidade para dentro. Ela não tem associação de pais e mestres, grêmio. Associações que poderiam trazer mais a comunidade para dentro da escola.

Ao ser perguntada quais foram e continuam sendo as principais contribuições da escola na vida da comunidade, *R.* acredita ser

o acolhimento. Escola que acolhe, que protege. Eu costumo falar que ela é conhecida na regional de venda nova por ser uma escola que resolve seus próprios problemas. Dificilmente na EMPMA a gente deixa os problemas saírem para fora da escola e não assumimos os problemas que são dos outros, pois cada um com seu problema. É lógico que se precisar a gente ajuda, mas não é uma escola que se envolve muito com questões da comunidade. Tentamos resolver os nossos problemas dentro dos nossos muros.

O abandono escolar, antes da conclusão do ensino fundamental, é uma realidade bem conhecida por milhões de brasileiros e não é diferente na EMPMA, e este foi outro tema dirigido

aos alunos. Sobre essa questão, *G.* respondeu que não sabe as razões, mas acha que é desinteresse dos alunos ou muita pressão. Ela já acredita que os problemas que surgem dentro e fora da família influenciam muito em questão de concentração, enquanto *A.* já enfatiza que é a falta de emprego dos responsáveis o que gera uma condição financeira ruim para a família.

A violência nas escolas brasileiras hoje é uma realidade na nossa sociedade. A mídia tem comprovado isso com reportagens retratando-a em vários estados brasileiros. Foi então, perguntado aos depoentes de que maneira a violência atinge a EMPMA e se ao longo dos anos houve alguma contribuição da escola a esse respeito. Nos termos de *R.*, ela asseverou:

Eu não acho que a violência no entorno chega a atingir a escola, apesar do lugar onde ela está inserida. Lógico que nós temos alguns casos, para mim são casos pontuais de acontecimentos dentro da escola, mas não é uma escola que tem a violência como o carro chefe. Nós temos escolas que são conhecidas pela violência. Eu acredito que não é o nosso caso. Começou em Venda Nova, há alguns anos, um projeto conhecido como 'rede pela paz', foi um projeto muito bacana da prefeitura. Nós fomos os pioneiros junto com a regional Venda Nova. Na época foi feita a proposta de criar esse projeto para tentar solucionar algumas questões da comunidade. Ele desenvolvia questões que iam desde o emprego até a realização de palestras. Só que depois foi para o CRAS. Então nós perdemos um pouco do contato. Hoje ele não é um contato assim tão abrangente como era com a 'rede pela paz'. Se a violência entra para dentro da escola, eu, enquanto professora, coordenadora e atualmente na função de vice-diretora não vejo que seja uma escola violenta a ponto de afetar o andamento do dia a dia da escola. Nós temos casos pontuais e eu posso te afirmar que há alguns anos a violência era muito maior. Acredito que isso foi se modificando ao longo dos tempos nas últimas gestões.

#### 4 - Análise e considerações finais

Por que decaiu a arte de contar histórias? Talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências. A experiência que passa de boca em boca e que o mundo da técnica desorienta. A guerra, a burocracia, a tecnologia desmentem cada dia o bom senso do cidadão [...].

*Ecléa Bosi*

Cada entrevistado tem uma vivência própria dos acontecimentos e, embora seus relatos sejam individuais, eles fazem parte de um todo, uma vez que foram questionados a respeito de um mesmo acontecimento. O que existe de diferente ou as opiniões divergentes nos relatos é que dão origem ao coração da pesquisa que tem como objetivo utilizá-los como fonte para refletir sobre uma memória coletiva e criar mecanismos para que experiências individuais possam ser compartilhadas, como modo de saber e conhecimento, no âmbito da EMPMA. Como aponta Bosi (1994, p. 23), “a memória individual é também social, familiar e grupal; por meio das falas, resgata-se um tempo, uma cidade, desejos e esperanças”.

Na pesquisa participaram professores que ingressaram em diferentes épocas na escola, o que possibilitou perceber sentimentos diversificados de vários momentos vivenciados no educandário. E qual não foi a surpresa na constatação, pois que, independentemente do momento, todos têm lembranças significativas por terem vivenciado a atividade em grupo.

A primeira pergunta feita foi com relação ao homenageado que dá nome a escola, professor Moacyr Andrade. É costume, em Belo Horizonte, nomes de monumentos públicos em homenagem aos cidadãos que teriam sido importantes para a cidade, com critérios quase sempre discutíveis. Com o objetivo de saber quem era o sujeito que dava nome à escola, foram feitas as seguintes perguntas: Quem foi Moacyr Andrade? Ele teria alguma história na comunidade.? Pode-se dizer que nenhum dos entrevistados sabia quem era ele.

A “professora” R. buscou algumas informações a esse respeito, relativas às pesquisas realizadas em outro momento para a realização de projetos na escola, porém, sem muita convicção se os fatos pesquisados eram verdadeiros. Isso justifica trabalhar a história dele com os alunos. Afinal, esse nome é pronunciado por toda a comunidade escolar em vários momentos durante o dia. Ao se fazer uma pesquisa na internet encontra-se no site do arquivo público mineiro informações sobre a importância de Moacyr Andrade, como jornalista em jornais de grande circulação no Estado de Minas Gerais, escritor de crônicas e político.

Conforme consta em sua biografia no inventário do Fundo Moacyr Assis Andrade, no arquivo público mineiro (2014, p.04),

Moacyr Assis Andrade nasceu em 09 de novembro de 1897, em Queluz de Minas, atual Conselheiro Lafaiete. Em 1915, diplomou-se em odontologia pela Faculdade de Medicina de Minas Gerais. Em 1917 iniciou seus trabalhos de jornalista na imprensa mineira, trabalhando em diversos jornais. No “Diário da Tarde”, onde idealizou e redigiu as primeiras colunas do “Alô, Alô!” com o pseudônimo de Gato Félix, foi cronista na coluna Bar do Ponto. No jornal “Estado de Minas” foi responsável pelos editoriais e por crônicas na coluna Vida Social com o pseudônimo de José Clemente. Na Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais foi diretor, redator e revisor. Foi ainda colaborador dos jornais: “A Nota” e “Novidades”; e das revistas: “Risos e Sorrisos” e “Minas em Foco”. Dirigiu o panfleto “Esquina” e foi redator do “Correio Mineiro” e “Diário Mineiro”. De 1936 a 1937 usou o pseudônimo de Pajé Tupiniquim para publicar crônicas em todos os órgãos dos Diários Associados. Em 1956 foi diretor do Jornal Folha de Minas. Entrou na Academia Mineira de Letras em 1935, onde ocupou a cadeira de nº 15 de Bernardo Guimarães. Respondeu pela Secretaria da Agricultura, Indústria, Comércio e Trabalho como diretor. Foi membro da Delegação Oficial Brasileira na Conferência Cultural da Unesco, em Nova Delhi, na Índia. Recebeu “A Medalha de Honra da Inconfidência.” Trabalhou a frente de rádios como Chefe do Serviço de Rádio Difusão da Secretaria da Agricultura. Foi diretor por cinco anos da Rádio Inconfidência. Em 1961 aposentou-se do serviço público. Publicou várias obras, entre elas destacam-se: “Ortografia Simplificada” (didática), “República Decroly” (romance), “Memória de um Chofer de Praça” (romance), “Espírito de Antônio Carlos”, (estudo político-biográfico) “Depoimento de um Dentista Frustrado” (memórias), “Hora para o Sono” (contos), “Memórias de um Escriba Oficial” (publicado no Jornal Estado de Minas em 40 capítulos). A Câmara Municipal

de Conselheiro Lafaiete homenageou Moacyr Andrade com nome de rua. Faleceu em 1979.<sup>3</sup>

Como sua biografia é desconhecida pela comunidade escolar da EMPMA, é interessante que os professores propiciem aos alunos conhecimento a respeito do trabalho de Moacyr Andrade, para saberem da importância do que realizou, o que levou as autoridades da época inaugurarem a escola e escolherem seu nome para homenagear a escola onde atualmente estudam.

Percebe-se que a educação no Brasil não é valorizada de forma a se obter resultados positivos no aprendizado e nos índices oficiais, o que leva os professores a enfrentarem diversas dificuldades no ato de ensinar. Por essa razão, foi perguntado, aos professores da EMPMA, quais são as maiores dificuldades enfrentadas por eles em seu trabalho. Foram citados: pequena participação da família, estrutura física inadequada, alunos desinteressados, mazelas sociais como violência e drogas no entorno da escola, indisciplina de alguns alunos, ausência de material didático apropriado para atender as diversas demandas, falta de diálogo da equipe de professores e coordenação. E Já os alunos acrescentaram sobre a recuperação ofertada aos sábados, o material didático inadequado e a falta de comunicação entre alunos e professores. Nessas respostas, identifica-se das dificuldades enfrentadas na profissão de professor para realizar seu trabalho. No PCN - Parâmetro Curricular Nacional, na introdução de seu primeiro volume (2001, p. 14), sobre a qualidade e valorização do docente, afirma que:

A busca da qualidade impõe a necessidade de investimentos em diferentes frentes, como a formação inicial e continuada de professores, uma política de salários dignos, um plano de carreira, a qualidade do livro didático, de recursos televisivos e de multimídia, a disponibilidade de materiais didáticos.

Contudo, as respostas dos entrevistados demonstram que, 20 anos depois da elaboração desse documento, os professores continuam desvalorizados e enfrentando dificuldades de toda ordem para lecionar. Ressalta-se que no percurso escolar dos entrevistados ocorreram fatos que permanecessem até hoje em suas memórias. Refletindo sobre isso, foi solicitado que relatassem um acontecimento que marcou sua trajetória na EMPMA. Foram citadas as confraternizações no final de ano onde se reuniam funcionários e seus familiares além dos Projetos interdisciplinares que muitas vezes culminaram em trabalho de campo, como, por exemplo, a ida a Ouro Preto e Mariana, o projeto da câmara mirim e o acolhimento por parte da direção com o falecimento de um ente querido.

---

3

[http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/fundos\\_colecoes/MAA/INVENTARIO\\_DO\\_FUNDO\\_MOACYR\\_ASSIS\\_ANDRADE.pdf](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/fundos_colecoes/MAA/INVENTARIO_DO_FUNDO_MOACYR_ASSIS_ANDRADE.pdf)

É muito comum ocorrerem nas escolas festividades, que mobilizam toda a comunidade escolar. Observa-se que os pais são envolvidos na confecção de algum ornamento com seus filhos para enfeitar a escola, roupas são alugadas e ficam eufóricos para verem seus filhos apresentarem, os professores mobilizam os alunos nas pesquisas históricas, ensaios de danças e confecções de materiais diversos. Também os Adolescentes preparam apresentações para os convidados, ou seja, cada um se compromete com uma tarefa para que tudo aconteça na mais perfeita ordem. Ao solicitar aos entrevistados que relatassem memórias desses eventos, eles recordaram das festas juninas, apresentações de danças, torneios esportivos, gincanas, ‘dia de ação de graça’ ‘copa do mundo’, ‘café com prosa’, e ‘solidariedade’. Podemos perceber que esses momentos foram vivenciados em grupo.

Verificou-se que O auditório nas escolas tem um papel importante na tarefa de compartilhar aprendizados. Ao utilizarem o auditório, professores podem planejar aulas que estimulem a participação dos alunos, como, por exemplo, peças teatrais, dramatizações, atividades em grupo, dentre muitas outras coisas. Também é um espaço que permite que se planeje eventos para toda a escola, como palestras, shows, apresentações, teatros e outras atividades culturais. Sondou-se os entrevistados sobre como percebem a movimentação nesse espaço. Primeiramente, levantou-se a informação de que ele foi adquirido através do orçamento participativo. Todos concordam que é um espaço maravilhoso, e que guardam muitas lembranças de eventos ocorridos como o “Café- com prosa”. Porém, não está sendo devidamente valorizado pelos alunos. Se passa um filme, os alunos destroem o espaço, principalmente quebrando carteiras. Mas de forma geral, todos guardam memórias significativas devido aos momentos vividos na comunidade escolar. De acordo com HALBWACHS, 2013, p.160 “cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, por que todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida em sua sociedade”.

Com o objetivo de melhorar a educação na cidade de Belo horizonte e os índices avaliativos que medem os resultados educacionais, a SMED implantou nas últimas décadas, sob diferentes orientações políticas e ideológicas, vários projetos educacionais. Podemos citar a Escola Plural e a Escola Integrada. De acordo com a Prefeitura de Belo Horizonte,

o Programa Escola Integrada está presente nas 177 escolas de Ensino Fundamental da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. O Programa amplia não só o tempo, mas também os espaços de aprendizagem. Em que os estudantes realizam atividades diversificadas que contribuem efetivamente no seu desenvolvimento pessoal, social, moral e cultural. Em seu funcionamento, a Escola Integrada dialoga com conhecimentos, equipamentos e serviços disponíveis na comunidade. Os estudantes percorrem o bairro, a cidade, praticam esportes, participam de competições e torneios,

visitam museus, salas de cinemas, teatros e têm acesso a diferentes manifestações esportivas, culturais e de lazer oferecidas pela cidade.<sup>4</sup>

Sobre a Escola Plural, Mônica Correia Baptista, Coordenadora Geral da CPP, avalia:

Ao longo desses anos, a Secretaria Municipal de Educação, através dos seus diferentes órgãos, grupos de trabalho, equipes pedagógicas, Diretorias de Educação das Regionais, escolas, professores e demais profissionais de educação, desenvolveu um conjunto de ações visando a implementação da proposta e produzindo, a partir daí, profundas alterações na organização das instituições escolares, buscando instaurar uma nova cultura escolar tanto no que diz respeito às relações institucionais e práticas pedagógicas quanto no que tange às dimensões administrativas e materiais. Ao mesmo tempo, as ações desenvolvidas procuravam equacionar questões relativas à formação dos professores, desenvolver aspectos relacionados ao conhecimento a ser construído pelos educandos no seu processo de escolarização, bem como enfatizar elementos constitutivos da experiência escolar não redutíveis à dimensão cognitiva ou às definições de legitimidade da cultura escolar tradicional.<sup>5</sup>

Foi perguntado aos entrevistados quais foram as marcas que esses projetos deixaram, se a troca de gestão, atrapalha e qual avaliação fazem da Escola Integrada nos âmbitos familiar, escolar e cultural. Os entrevistados avaliaram que a Escola Integrada é um projeto bom e importante, porém, falta integração com o ensino regular. Acreditam que os alunos gostam muito, mas o espaço físico da escola é inadequado para realização das atividades propostas. Ressaltaram também que embora as famílias sejam pouco participativas, a presença das crianças no projeto dá segurança aos pais, pois não sabem onde deixar os filhos enquanto trabalham.

Sobre a Escola Plural, devido ao fato dela ter sido extinta antes da entrada de muitos professores na escola e na rede municipal, não foi possível se obter muitas informações com os entrevistados. Mas, acentua-se que *R.*, que vivenciou todo o processo, relata as dificuldades enfrentadas pela escola por não ter informação suficiente de como o projeto funcionaria na prática. Acreditavam inclusive, de acordo com ela, que não iriam ministrar aulas, devido aos projetos interdisciplinares. Na sua avaliação, teve pontos negativos e positivos e um deles foi compreender que cada aluno tem seu tempo para aprender e, mudando-o para as séries seguintes sem reprovação, dá oportunidade a ele de conviver com seus pares. E quando começaram a compreender na prática como ela funcionava, um novo governo veio e mudou tudo. Outros projetos também foram levantados como foi o caso do Construtivismo, Floração, EJA juvenil e chegaram à conclusão de que a EMPMA se adapta bem aos projetos e as mudanças neles quando ocorre a troca de gestão.

---

<sup>4</sup> <https://prefeitura.pbh.gov.br/educacao/escola-integrada> acesso em 22/06/2021 as 17:50

<sup>5</sup> <http://www.pbh.gov.br/smed/escoplur/escplu00.htm>

Mais tarde, foi perguntado aos entrevistados de que maneira a violência atinge a EMPMA, e se, ao longo dos anos, houve alguma contribuição da escola a esse respeito. Consequentemente a resposta veio esclarecer que, há alguns anos atrás, a violência era uma realidade na escola, mas com o tempo o educandário implantou projetos que proporcionaram atividades diferenciadas para os alunos à exemplo de ‘festas juninas’, ‘bailes da garota primavera’, ‘da beleza Negra’, os ‘campeonatos de futsal’, jogos do time dos professores contra os dos alunos, ‘feiras de ciências e de geografia’, trocas de correspondência entre turma de outra escola, escolinha de futebol a partir de 2001. Atualmente, embora a violência esteja no entorno, ela não adentra a escola. Ressalta-se que existem escolas que são conhecidas pela violência, mas a EMPMA não é o caso. Essa realidade da EMPMA, atualmente diverge dos dados oficiais.

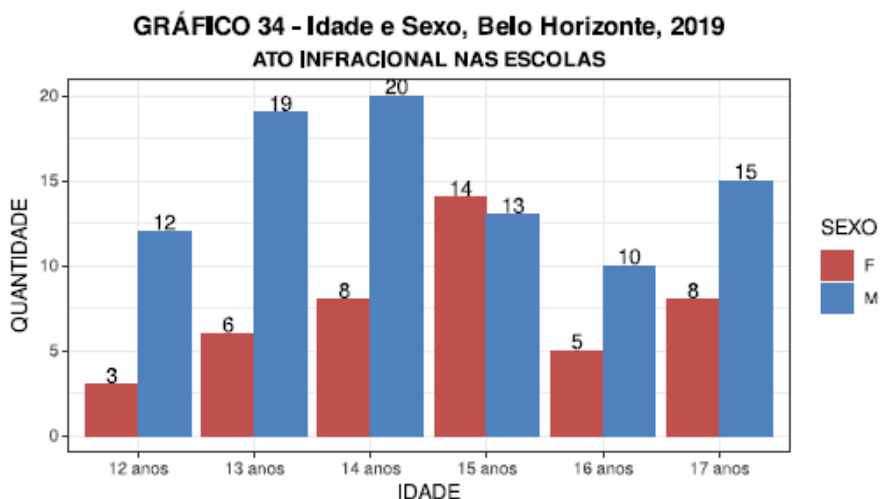
Ao analisar-se os relatos dos entrevistados, surgiu a seguinte leitura: A história da EMPMA é realmente merecedora de um estudo de caso porque ela apresenta características próprias, especiais, embora as pesquisas apontem fatos corriqueiros que ocorrem em todas as escolas, aliados a implantação de projetos educacionais comuns, a EMPMA perpassa por eles de forma singular, porque suas memórias estão carregadas de emoções próprias. Os entrevistados participaram das relações escolares ora interagindo de maneira espontânea e prazerosa, ora revoltando com a forma pela qual a Smed – Secretaria Municipal de Educação trata as relações impondo os projetos de “cima para baixo”, não levando em consideração, portanto, os sentimentos daqueles que são a base da pirâmide educacional. Nesse ponto, as narrativas orais se tornam uma fonte que nos ajuda a reescrever a história da escola. Que não é vista pelos órgãos oficiais, uma vez que leva em consideração os dados avaliativos, alunos aprovados/reprovados, reclamações dos pais, pedidos de transferências de professores e alunos para outras escolas, dentre outras, mas sim, uma comunidade que todos os dias luta por uma escola mais humana, onde se pensa em projetos para atender a demanda da região. Que se solidariza com aqueles que precisam de alimentos, homenageia o aluno que se destaca positivamente na nota e no comportamento, dá uma “nova cara” a Escola Integrada por compreender sua importância na vida dos alunos e festeja com seus profissionais datas importantes do calendário escolar.

As narrativas orais dos entrevistados revelam uma história dentro da história, como ocorre na história oficial. Uma vez usadas como fonte, permitem valorizar a história daqueles que sustentam a sociedade e que geralmente não têm voz na história. Tudo isso, porque demonstra versões, interpretações, experiências e sentimentos que não conseguimos detectar nas fontes históricas oficiais, à exemplo dos esqueletos, mapas, relatórios, fotografias. As escolas guardam memórias no seu cotidiano, “a memória é um trabalho sobre o tempo, mas

sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo” (BOSI, 2003, p. 53). Assim, através das narrativas orais permite-se trabalhar o passado das pessoas e o seu cotidiano. Além disso, é um método que possibilita compreender as subjetividades. E dessa forma, trazer para a história vivenciada sentimentos, que antes eram lidos apenas na literatura; mas e que agora, pode-se ter contato também nos livros de história.

As escolas têm presenciado episódios de violência. Isso não é um fato isolado. Ocorre principalmente nas capitais brasileiras, em todas as esferas da vida social. Os dados abaixo retirados do relatório estatístico da Vara Infracional da Infância e da Juventude de Belo Horizonte – 2019, retrata essa realidade nas escolas de Belo Horizonte.

Embora a EMPMA esteja inserida em um contexto de periferia, na divisa entre as cidades de Belo Horizonte e Ribeirão das Neves, em um cenário de violência, miséria e desemprego crescentes, com todos os indicadores sociais adversos e problemáticos, isso não ficou demonstrado nas memórias dos entrevistados.



FONTE: VARA INFRACIONAL/SUASE/DOPCAD

AMEAÇA	27
DANO	4
ESTUPRO DE VUNERAVEL	2
FURTO	1
LESAO CORPORAL	21
PORTE/POSSE DE ARMA	1
USO DE DROGAS	6
VIAS DE FATO	28
OUTROS	23
SEM INFORMAÇÃO	1
<b>TOTAL</b>	<b>114</b>

FONTE: VARA INFRACIONAL/SUASE/DOPCAD

Percebe-se, ao contrário, uma memória afetiva que revela um intenso engajamento nos projetos escolares, cada um contribuindo com sua capacidade, mas sempre com muita entrega. Os relatos demonstram uma espécie de fusão entre vida e a escola, integrando-as em uma mesma sociabilidade. Ficou claro também que a escola é uma ‘sobrevivente’, mediante a todos os problemas de ordem social, educacional, histórica, e, ainda assim, cumpre seu papel. Sendo extremamente importante na vida e na sociabilidade de todos os envolvidos, e mais que o “ganha pão”, ou simplesmente o “emprego”, a escola cria laços e vínculos. Embora contribuindo para a formação intelectual e escolar dos seus participantes, ela participa de outros espaços da vida, estabelecendo diferentes tipos de laços sociais.

Iniciou-se este trabalho discutindo-se a narrativa como sendo a fronteira entre a literatura e a história. E, haja vista ser a pesquisadora professora de história, fazendo um curso de Língua Portuguesa, mobilizou-se diferentes áreas do conhecimento e conceitos, além de pensar sobre o fazer histórico e a constituição das narrativas orais.

Foi tomado como norte o livro *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*, da historiadora Ecléa Bosi, São Paulo, Companhia das Letras, 1994 e 2003. A leitura do livro desperta muitos interesses, e serviu como referencial. A autora vai na contramão da história quando relata as memórias de oito pessoas idosas, maiores de 70 anos, que viveram desde a infância na cidade de São Paulo. Sabe-se que no Brasil a velhice não é valorizada por não ser mais uma mão de obra a ser explorada pelo capitalismo. Valorizar esses relatos perpassando pelas questões políticas e trabalhistas da época vivida, e o dia a dia dos imigrantes e operários, nos mostra uma história diferente da história dominante e oficial. Tratar dos excluídos da história foi interesse, desde o início desse trabalho. Todo esse conteúdo justifica o título da pesquisa, nas duas partes que a compõem: NARRATIVAS ORAIS, que tecidas entre as memórias individuais e as coletivas, apresentam-se como ricas fontes documentais e NA CONTRAMÃO DA HISTÓRIA, uma vez que as entrevistas deram voz aqueles que também fazem parte da história da escola, e que não aparece na história oficial, mostrando seu cotidiano com sentimentos de alegrias, ansiedades e realizações.

O trabalho assinala um percurso diferente do proposto. Havia a intenção de se trabalhar com a discursividade da história oral. Coletar depoimentos de narrativa oral capazes de iluminar a história da EMPMA, daí o fato decorrente de se ter lidado com a alguns setores da comunidade, uma vez que não foi possível contemplar todos os segmentos por estarmos em uma pandemia. Os fragmentos, os discursos coletados são esclarecedores, no entanto, não fornecem todos os dados para uma construção história. Esta pesquisa trouxe resultados aquém e além do objetivo proposto inicialmente. Ocorreram desvios em função dela mesma. Observa-

se que Fica aquém, porque ela não é capaz de reconstituir a história da escola, mas vai além, porque trouxe informações que de outro modo não apareceria. Que foi despertar o interesse para aquele que é o sujeito histórico, que deu nome à escola e que é uma figura ligada às crônicas narrativas e jornalísticas. A narrativa faz a ponte dos estudos literários e históricos. É um campo amplo de possibilidades, então não é de se espantar que a pesquisa possa se abrir para o trabalho com as crônicas. Porque ela é um gênero híbrido por excelência. Existem vários tipos de crônicas, uma delas é a histórica, que tem como característica fatos históricos, com personagens, tempo e espaço definidos e com uma linguagem leve e coloquial. O caderno das Olimpíadas de Língua Portuguesa (2021, p. 29), que está sendo aplicada nas escolas públicas brasileiras nos traz a informação:

A palavra “crônica”, em sua origem, está associada ao vocábulo “khrónos” (grego) ou “chronos” (latim), que significa “tempo”. Para os antigos romanos a palavra “chronica” designava o gênero que fazia o registro de acontecimentos históricos, verídicos, na ordem em que aconteciam, sem pretender se aprofundar neles ou interpretá-los. Com esse sentido ela foi usada nos países europeus. A crônica contemporânea brasileira, também voltada para o registro jornalístico do cotidiano, surgiu por volta do século XIX, com a expansão dos jornais no país. Nessa época, importantes escritores, como José de Alencar e Machado de Assis, começam a usar as crônicas para registrar de modo ora mais literário, ora mais jornalístico, os fatos corriqueiros de seu tempo. É interessante observar que as primeiras crônicas brasileiras são dirigidas às mulheres e publicadas como folhetins, em geral na parte inferior da página de um jornal.<sup>6</sup>

Este trabalho tem, portanto, um fim provisório, porque agora poderá se desdobrar em projetos e pesquisas a respeito das crônicas do Jornalista Moacyr Andrade. Devido a experiência que ficou com a pesquisa, é possível também incentivar os alunos a montarem um projeto de regaste dessa figura e da sua produção ao longo da vida. Por isso, o trabalho se conclui ao mesmo tempo se abrindo para outras perspectivas.

## 5. Referências

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994 e 2003.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. Ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Ed. Dos Tribunais, 1990.

---

<sup>6</sup> <https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/10737/caderno-cronica.pdf>

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

ALBERTI, Verena. Fontes orais: história dentro da História PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 155-202.

ALBERTI, Verena. Narrativas na história oral. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA {22.: João Pessoa, PB). **Anais eletrônicos**. João Pessoa, PB: ANPUH-PB, 2003. 10f.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MINAYO, M.C. de S. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2002

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. Editora Cortez: São Paulo, 2009

Barros, C. H. (2013). **Ensino de História, memória e história local**. *Revista De História Da UEG*, 2(1), 301-321.

Recuperado de <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/1451>

Transcrição da palestra proferida por Ricardo Piglia na Sede da Universidade de Talca, em 29 de março de 2006, ao receber o Prêmio Ibero-Americano de Letras "José Donoso", 2005.

Teses sobre o conceito da história, 1940 - Walter Benjamin. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. In Walter Benjamin - **Obras escolhidas**. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

## 6. Siglas

EMPMA – Escola Municipal professor Moacyr Andrade

SMED – Secretaria Municipal de Educação

## 7 - Apêndice

### 7.1 Questionários

- Nome:
- Tempo de escola:
- Tipo de vínculo:

- Período em que participou ou participa da escola:

Perguntas:

1. Quais são as maiores dificuldades enfrentadas pelo professor na escola?
2. Ao longo das décadas, diferentes projetos educacionais foram propostos pelas secretarias municipais e estaduais? Quais marcas eles deixaram? As trocas de projetos com as mudanças de gestão atrapalham?
3. Como é a participação das famílias na vida escolar? Em que medida eles contribuem? Estão ausentes? Participam da vida escolar dos filhos?
4. Que memórias você guarda das festividades ocorridas na escola? Relate uma delas.
5. O café - com - prosa ocorre 2 vezes no ano envolvendo toda a comunidade escolar. Que sentimentos você guarda desses momentos desde sua criação?
6. A escola integrada foi implementada pela rede municipal de Belo Horizonte. Qual avaliação você faz dela em todos os âmbitos? Familiar, escolar, ....
7. Relate um acontecimento que marcou sua trajetória na Escola Professor Moacyr Andrade.

## 7.2 Questionário aluno

Identificação:

- Nome:
  - Tempo de escola:
  - Tipo de vínculo:
  - Ano que ingressou e saiu da escola:
1. Quem foi Moacyr Andrade? Ele tem alguma história na comunidade?
  2. Quais são as maiores dificuldades enfrentadas pelo aluno na escola?
  3. Que memórias você guarda das festividades ocorridas na escola? Relate uma delas.
  4. Como você se sentia quando participava das provas externas como prova Brasil e Simave oferecidas pela secretaria de educação?
  5. Escola integrada, escola aberta são projetos implementados pela PBH.
  6. Relate um acontecimento que marcou sua trajetória na Escola Professor Moacyr Andrade.

7. Como você vê a política do prefeito de Belo Horizonte oferecendo uniforme e kit escolar para os alunos?
8. Para você escola é um lugar de .....por quê?
9. A escola tem uma relação forte com a comunidade. O que ocorre fora dos muros da escola como amizades, namoros, violências, festas, futebol acabam influenciando na vida escolar. Relate um caso que você já presenciou.
10. O que leva a evasão de alunos?